



Edições Colibri



ISSN 0874-6885

Faces de Eva

ESTUDOS SOBRE A MULHER

NÚMERO 27 ANO 2012

AS MULHERES NO PENSAMENTO DE MARIA DE LOURDES PINTASILGO*

Maria Antónia Coutinho

Resumo

Esta contribuição propõe uma leitura do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo: percorrendo, de forma não sistemática, alguns dos textos disponíveis, o objetivo será evidenciar as grandes linhas de força do seu pensamento, relativamente à forma como encarou as mulheres, na complexidade e na interdependência do mundo, da sociedade, da política ou mesmo da vida. Na medida em que o percurso permite confirmar o carácter radicalmente inovador e a atualidade das perspetivas reiteradamente apontadas pela autora, a conclusão que virá a impor-se é de ordem prática: voltar aos textos, ainda, outra vez, muitas vezes; sobretudo, “agir a palavra”.

Palavras-chave: identidade, paridade, cultura das mulheres, tomada da palavra, ética do cuidado.

Introdução

Temos hoje à disposição – em particular através do arquivo da Fundação Cuidar o Futuro¹ – uma parte considerável da produção escrita de

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no encontro Mulheres, Teologia e Mística organizado pelo Graal (Golegã, julho de 2010).

¹ Cf. <http://www.fcuidarofuturo.com>; arquivo de textos de Maria de Lourdes Pintasilgo: <http://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Site/default.aspx>.

Maria de Lourdes Pintasilgo, num período que vai dos anos cinquenta do século passado a 2004, ano em que morreu. São textos redigidos em português, francês ou inglês, associados a circunstâncias variadas (nem sempre claramente identificadas) e que manifestam, como tal, uma natureza muito diversa: encontramos artigos, discursos, notas, comunicações; versões prévias, versões (re)trabalhadas e provas revistas; manuscritos, a par de documentos dactilografados ou já passados a computador. Neste acervo documental, perpassam os grandes temas que preocuparam e ocuparam Maria de Lourdes Pintasilgo: mulheres/igualdade/democracia paritária; democracia, cidadania, direitos humanos; desenvolvimento, população e qualidade de vida; educação e cultura, valores, religião, ética².

Uma das impressões mais fortes que proporciona a leitura destes textos (em particular a partir da década de 90) é a da inequívoca, e frequentemente inesperada, interdependência que é estabelecida entre as questões abordadas. Quando um título ou uma abertura nos predispõe para questões de desenvolvimento e de qualidade de vida, por exemplo, eis que surge a questão das mulheres ou a da ética. Se pensávamos ter entre mãos um texto sobre religião, descobrimo-nos a ler sobre democracia e qualidade de vida, por vezes em confronto com dados quantitativos perturbadores. E assim por diante.

Esta visão sistémica não acontece por acaso ou por acidente: os textos de Maria de Lourdes Pintasilgo fazem ouvir frequentemente, de forma mais ou menos direta e explícita, ecos de Edgar Morin (ou, se quisermos, apontamentos da teoria da complexidade), sublinhando um paradigma de interdependência (ou de conjunção), por oposição ao paradigma de redução e de disjunção, largamente herdado do positivismo científico e que valida as (hiper)especializações disciplinares/académicas³. Apesar de se inscrever, portanto, num filão epistemológico identificado, esta vertente do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo surge, e permanece, como inovadora e provocadora: à margem de especializações disciplinares e/ou de pruridos académicos, (quase) nada parece escapar a esse olhar globalizante, que resiste a segmentar o que, sendo social e humano, é necessariamente interdependente.

Um trabalho de leitura como o que aqui se propõe assume, à partida, um trajeto orientado: trata-se de focalizar a visão sobre as mulheres nos textos de Maria de Lourdes Pintasilgo. Deste ponto de vista, para

² Recorro aqui à organização temática usada em *Para um novo paradigma: um mundo assente no cuidado. Antologia de textos de Maria de Lourdes Pintasilgo*. Porto, Afrontamento, 2012.

³ Cf. Edgar Morin, *Science avec conscience*, Paris, Ed. Fayard, 1982.

além dos textos de arquivo atrás referidos⁴, não poderemos deixar de ter em conta a contribuição fundamental e pioneira que constituiu a publicação de *Os novos feminismos – interrogação para os cristãos?*, em 1981⁵. Centrando-se, portanto, na forma como Maria de Lourdes Pintasilgo equacionou a questão das mulheres, o trajeto orientado que aqui me proponho estabelecer (re)descobre-se também, afinal, como percurso interconectado e ramificado. Assim, se o ponto de partida corresponde a focalizar a visão sobre as mulheres nos textos de Maria de Lourdes Pintasilgo, a tentativa de estabelecer eixos interpretativos dessa mesma visão evidencia aparentes sobreposições que são, em última análise, interdependências das problemáticas em causa. E na interdependência desses eixos, desenhar-se-á ainda a questão fundamental da linguagem. Fica assim delineado o percurso a desenvolver, nas páginas que se seguem:

- Igualdade, paridade e identidade;
- Identidade, protagonismo e cultura de mulheres;
- Cultura política e cultura das mulheres;
- Cultura das mulheres e ética do cuidado;
- A tomada da palavra.

Igualdade, paridade e identidade

Parecerá hoje evidente que a questão da igualdade se declina em igualdade de direitos e igualdade de oportunidades. A suposta transparência desta questão foi insistentemente desmontada por Maria de Lourdes Pintasilgo, sublinhando, por um lado, que não existe necessariamente coincidência entre igualdade *de direito* e igualdade *de facto*; e, por outro, que a simples instauração da democracia não implica automaticamente a igualdade de participação entre mulheres e homens⁶. A questão de fundo que assim se configura é, naturalmente, a dos limites da democracia – ou, mais exatamente, a dos limites de uma vivência dita democrática que não

⁴ Os textos do arquivo da Fundação Cuidar o Futuro (FCF) serão aqui identificados pela quota respetiva, seguida da data da versão de arquivo usada. Vários dos textos em causa foram entretanto publicados na antologia atrás referida (cf. nota 2).

⁵ Maria de Lourdes Pintasilgo, *Os novos feminismos – interrogação para os cristãos?*, Lisboa, Moraes editores, 1981. Originalmente publicado em França (*Les nouveaux féminismes: question pour les chrétiens?*, Paris Les Editions du Cerf, 1980), o texto inicial correspondeu a um conjunto de conferências realizadas na Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas do Instituto Católico de Paris.

⁶ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, “La démocratie paritaire: une nouvelle intelligence dans les rapports sociaux”, Arquivo da FCF, 0211.019, 1995.

resolve, internamente, os problemas de equidade e de justiça que enfrenta. Se tocamos aqui zonas de injustiça radical e gritante, no que diz respeito ao aumento continuado de desequilíbrios sociais que implicam situações de pobreza extrema, não deixa por isso de ser relevante sublinhar o *deficit* democrático que também decorre do desequilíbrio de intervenção (social e política) e de poder de decisão entre mulheres e homens. São esses confrangedores limites da experiência democrática que em 1995 Maria de Lourdes Pintasilgo claramente denunciava, e em que nos continuamos a rever, cada vez com mais (desesperante?) nitidez:

“Or, la crise profonde de la démocratie politique ne se manifeste pas uniquement par des symptômes d’ordre général tels que le désintérêt pour les élections et le processus politique lui-même, la déception avec la classe politique et la désaffection à son égard, le scepticisme par rapport aux partis politiques en tant qu’instruments du fonctionnement de la politique, la méfiance des citoyen(ne)s face aux gouvernements. *L’exclusion des femmes de la sphère politique constitue un élément clé de cette crise globale. Il devient ainsi nécessaire de rechercher des dimensions nouvelles de la démocratie, capables de rendre compte de la composition diversifiée de la société.*”⁷.

A exigência democrática de “dar conta da composição diversificada da sociedade” evidencia uma das “armadilhas da igualdade” – para usar uma expressão da própria Maria de Lourdes Pintasilgo⁸. Trata-se de uma conceção abstrata de *igualdade*, que lida conceptualmente com seres neutros e assexuados: só assim se explica a hipótese (sujeita a ridicularização, pelo absurdo que contem) de as mulheres virem a atingir um dia uma suposta igualdade absoluta. De facto, sob o termo (histórica e culturalmente motivado) de *igualdade* ficam em jogo questões de fundo a serem (ainda) trabalhadas: *paridade* e *identidade*. A lógica da paridade não se reduz à implementação de quotas, como recurso formal de exibição de igualdade; tal como a entendeu Maria de Lourdes Pintasilgo, a paridade é, pelo contrário, a aposta na diferença e no potencial dessa mesma diferença, enquanto elemento capaz de (re)criar a (des)organização social. Dito de forma simples: mulheres e homens a agir em situação de parida-

⁷ Maria de Lourdes Pintasilgo, “La démocratie paritaire: une nouvelle intelligence dans les rapports sociaux”, Arquivo da FCF, 0211.019, 1995 (destaque meu).

⁸ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, “Egalité – Identité”, Arquivo da FCF, 0226.015, 1992. A outra armadilha apontada pela autora tem a ver com o círculo vicioso da desigualdade: quanto mais um grupo – como é o caso das mulheres – vive em situação de desigualdade, mais se verifica a tendência para o grupo se fechar em si e torna-se cada vez mais difícil romper as barreiras do acesso à igualdade.

de pensam e agem de forma diferente do que pensam e agem só homens, ou só mulheres. Mulheres e homens em situação de paridade – quer dizer, com a sua história e com a sua diferença, com a identidade que lhes é própria. No entender de Maria de Lourdes Pintasilgo, a paridade não é uma forma de resolver um problema das mulheres, mas sim uma oportunidade para que mulheres e homens resolvam os seus próprios problemas – ou os problemas de uma sociedade que continua a agravar desequilíbrios e injustiças e que se fica, assim, muito aquém da plenitude democrática a que aspira. É nessa medida – enquanto portadora de diferença, ou enquanto geradora de algo que não lhe pré-existia – que a paridade é apontada como desafio fundamental para as sociedades ditas democráticas:

“La parité essaie de répondre à l’injustice constitutive du fonctionnement de la démocratie, en surmontant de façon radicale l’inégalité qui frappe les femmes. *La démocratie paritaire ne s’inscrit pas de façon linéaire dans la seule logique de l’égalité. Elle la dépasse en offrant une opportunité unique aux femmes et aux hommes de faire face à la question de l’identité, en tant que question déterminante de l’organisation sociale.* C’est une nouvelle étape de la démocratie qui y voit le jour. Ainsi, *la démocratie se vide de ce qui, en elle, avait été obscurcissement de la personne humaine dans sa réalité concrète, matérielle, corporelle, sexuée.* L’abstraction philosophique qui concernait la personne humaine abstraite, sans race, sans lieu géographique, sans sexe, est révolue et fait place à la personne située”⁹.

Falar em igualdade entre homens e mulheres está longe de qualquer evidência – até porque, como acaba de se ver, podemos nem falar da mesma igualdade. A igualdade para que reiterada e convictamente apelam os textos de Maria de Lourdes Pintasilgo é a que resulta da identidade, em paridade; e é, por isso, uma igualdade a descobrir, uma igualdade que não sabemos (ainda) onde nos pode levar, uma “igualdade inédita e subversiva”:

“L’égalité renvoie aux normes de la société, à son modèle. Dès que l’égalité s’inscrit dans une communauté de sujets différenciés, dès que l’égalité prend en ligne de compte *l’identité* des femmes et des hommes et leur radicale irréductibilité, elle interroge normes et modèle. C’est dire que l’égalité des femmes et des hommes est une égalité inédite dans l’histoire”.

⁹ Maria de Lourdes Pintasilgo, “La démocratie paritaire: une nouvelle intelligence dans les rapports sociaux”, Arquivo da FCF, 0211.019, 1995 (destaques meus).

C'est dire qu'elle contient aussi un potentiel "subversif" des règles du jeu.

Quer dizer que ela contém também um potencial «subversivo» das regras do jogo”¹⁰.

Identidade, protagonismo e cultura de mulheres

De que fala então Maria de Lourdes Pintasilgo quando fala da identidade das mulheres? Não fala, como ela própria explica, de uma identidade de tipo matemático (segundo a qual duas expressões são idênticas quando, seja qual for o valor da variável, se atinge nos dois casos o mesmo resultado). Não fala de uma identidade que sustentasse a repetição exaustiva e totalitária de um mesmo e único modelo – estivessem em causa pessoas, grupos ou países: “Utilizando a Europa como metáfora, o que é preciso evitar é que o acesso à igualdade entre homens e mulheres crie uma harmonização niveladora, uniformizante e redutora.”¹¹.

Por oposição a essa identidade repetitiva, Maria de Lourdes Pintasilgo perspetiva a identidade a partir da “infinita diversidade dos seres e das situações” – condição única de uma “igualdade dinâmica e criadora, fermento de sociedades mais justas”¹². A este ponto de vista – ao arrepio de qualquer globalização que apague as diferenças – junta ainda Maria de Lourdes Pintasilgo uma vertente mais provocadora, se assim se pode dizer, ao afirmar que a identidade “é ao mesmo tempo *consciência e afirmação da diferença e decisão de pertença*”¹³. Qual o alcance desta afirmação, em termos de identidade das mulheres?

Estamos aqui perante um dos nós cruciais – para as próprias mulheres – daquilo a que se pode chamar “a questão das mulheres”. Porque há mulheres para quem a chamada “questão das mulheres” não se põe (quando não é mesmo ridicularizada). Reivindicando a inexistência de ‘um problema’, em função da sua própria história pessoal e/ou da igualdade de direito socialmente estabelecida, elas afirmam a igualdade pela rejeição da diferença.

¹⁰ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, “Egalité – Identité”, Arquivo da FCF, 0226.015, 1992. Veja-se também, a este propósito, “Emergence du féminin et démocratisation du politique”, Arquivo da FCF, 0210.021, s/d.

¹¹ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, “Egalité – Identité”, Arquivo da FCF, 0226.015, 1992.

¹² Traduzido de Maria de Lourdes Pintasilgo, “Egalité – Identité”, Arquivo da FCF, 0226.015, 1992.

¹³ *Idem*.

Na perspetiva de Maria de Lourdes Pintasilgo, como já vimos, a igualdade depende da identidade, isto é, da diferença. Nesse sentido, o reconhecimento da identidade das mulheres é condição dessa mesma identidade – e tudo isto se resolve no espaço de pensamento e de ação de cada mulher. Sejam quais forem os contornos da sua história pessoal, cada mulher tem o poder de decidir partilhar uma história de séculos, como tem o poder de a ignorar; cada mulher tem o poder de se marginalizar em relação ao vivido coletivamente pelas mulheres, ou de o trabalhar por dentro; cada mulher tem o poder de reiterar sem hesitação modelos (de pensamento e de ação) instituídos, ou de duvidar das evidências e dos dados. Numa palavra, cada mulher tem o poder de escolher a igualdade uniformizante ou de partilhar a identidade do grupo. Dessa decisão – isto é, da decisão de cada mulher – depende em última análise, no entender de Maria de Lourdes Pintasilgo, o reforço da identidade das mulheres (como ‘entidade’ diferente). Porque a identidade se preserva e se (re)constrói em grupo – na dimensão (complexa) em que o todo é maior do que a soma das partes. E só a identidade (do grupo) das mulheres permite a diferença “inédita e subversiva” de um mundo construído em paridade por mulheres e por homens.

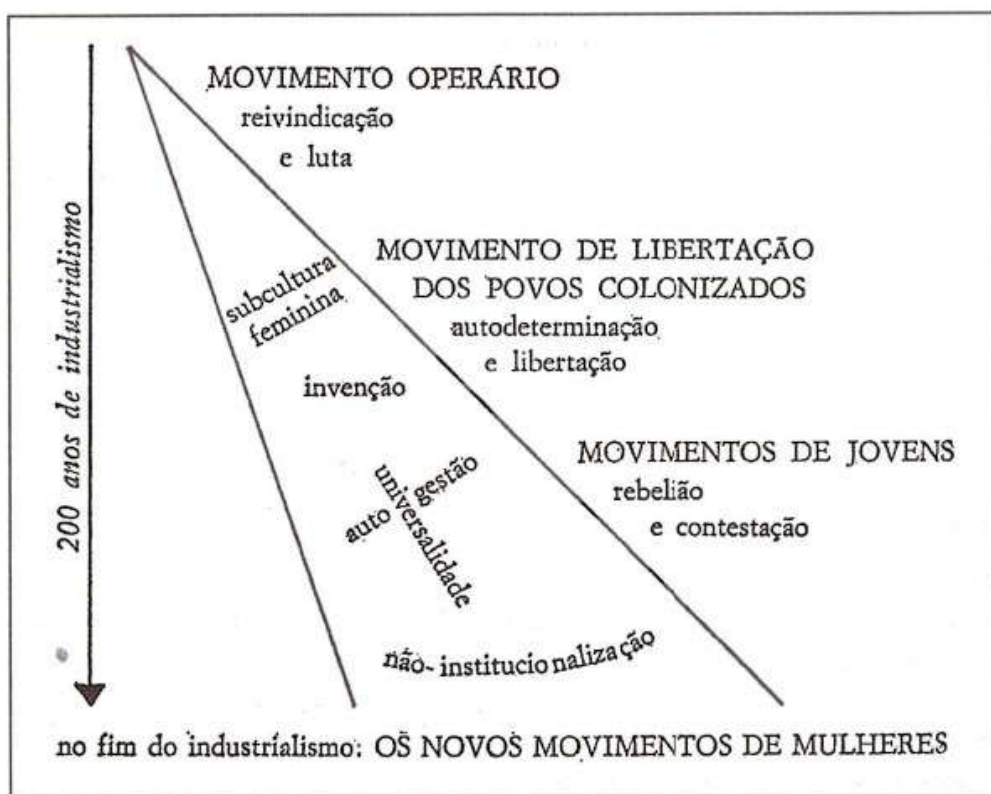
“Le rejet du modèle dominant conduit les femmes à se reconnaître partie prenante d’un même groupe. C’est cette appartenance qui peut renforcer l’identité et permettre que l’égalité ne se réduise pas à l’uniformité.

L’identité permet aussi que les femmes sortent de l’enclos de l’invisibilité et deviennent *protagonistes sociales et culturelles* de la vie en société”¹⁴.

A identidade passa então pela decisão de pertença a um grupo, a uma história coletiva – a uma “cultura de mulheres”, para usar a expressão de Maria de Lourdes Pintasilgo. Esta é, certamente, outra das zonas problemáticas da problemática das mulheres, seja pela rejeição mais ou menos imediata de qualquer especificidade (que não a biológica), seja por perplexidade cética ou ingénuas: de que especificidade se poderá ainda falar, depois de se ultrapassarem, nas nossas sociedades ocidentais, todos os preconceitos de menoridade das mulheres?

¹⁴ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, “Egalité – Identité”, Arquivo da FCF, 0226.015, 1992.

O que quer que se possa entender por cultura (ou subcultura) das mulheres estará necessariamente associada a uma história de marginalização, isto é, às condições (históricas, sociais, económicas e religiosas) em que essa história foi vivida por cada mulher – ‘sobrevivida’ por cada mulher, poderíamos talvez dizer, com propriedade. Mas se a cultura (ou subcultura) das mulheres emerge da invisibilidade a que as confinou a história (social, cultural e religiosa), é em função dessa mesma emergência que ela pode tomar forma (corporizar-se, dizer-se). Terá sido esse, talvez, o sentido mais fundo dos ‘novos movimentos de mulheres’ – paralelos, ainda que posteriores aos outros grandes movimentos sociais, como mostra o Quadro 1¹⁵. Será esse, talvez, o sentido: afirmar uma história comum (em que cada história sofrida individualmente se pode reconhecer em tantas outras histórias, próximas e distantes), provocar a emergência de uma (sub)cultura partilhada.



Quadro 1 – Reproduzido de Pintasilgo, 1981, 26¹⁶

¹⁵ Maria de Lourdes Pintasilgo adianta como hipótese que “a expansão dos novos movimentos de mulheres está ligada ao fim do industrialismo enquanto ideologia dominante” (Pintasilgo, 1981:27).

¹⁶ Cf. nota 4.

Quer isto dizer que, seja o que for a cultura das mulheres, ela se perspetiva, no entender de Maria de Lourdes Pintasilgo, em termos construtivistas: como qualquer outra cultura, a (sub)cultura das mulheres, sendo transmitida (e revalidada) por cada geração, é fundamentalmente construída¹⁷.

Por outro lado, seja qual for a especificidade da cultura (ou subcultura) das mulheres, ela enfrenta(rá) os mesmos riscos e os mesmos desafios de qualquer cultura marginalizada ou dominada, como afirma Maria de Lourdes Pintasilgo:

“Cette culture [culture des femmes], comme celle de tout peuple marginalisé, risque de se perdre. Car obligées de s'intégrer à un monde qu'elles n'ont pas façonné, les femmes risquent de laisser taire en elles leur langue “maternelle”. Or que dit cette langue?”¹⁸.

O desaparecimento da cultura das mulheres (como de qualquer outra cultura marginalizada) será efeito (a longo prazo) do exercício do poder dominante – que silencia e apaga a diferença, esquivando-se a conviver com ela, impondo-se pela força da evidência. Essa estratégia de auto-preservação da cultura dominante resulta, no fundo, da compreensão dos riscos que enfrenta. Porque cada cultura só pode ser compreendida em termos interculturais e diferenciais, como sublinha Rastier¹⁹:

“(…) pour chacune [chaque culture], c'est l'ensemble des autres cultures contemporaines et passées que joue le rôle de corpus. En effet, une culture n'est pas une totalité: elle se forme, évolue et disparaît dans les échanges et les conflits avec les autres”.

Deste ponto de vista, se a cultura das mulheres se moldou e ganhou forma como reação a uma cultura dominante, a possibilidade de se reconhecer e de se exprimir enquanto tal é condição de evolução – tanto de si própria, enquanto cultura de mulheres, como da cultura dominante; mas

¹⁷ “(…) les œuvres culturelles ne sont pas comme les gènes qui programment la connaissance: il s'agit plutôt d'un héritage qui peut être dépensé intelligemment ou au contraire dilapidé, selon qu'on l'utilise d'une manière ou d'une autre. Les œuvres sont toujours sujettes à changements; jamais elles ne sont irréversiblement fixées.” Cf. Jerome Bruner, *Culture et modes de pensée. L'esprit humain dans ses œuvres*, Paris, Retz, 2000 (edição original, 1986), p. 7.

¹⁸ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, “Egalité – Identité”, Arquivo da FCF, 0226.015, 1992.

¹⁹ Cf. François Rastier, F. (2002), “Pluridisciplinarité et sciences de la culture”, in Rastier, F. & Bouquet, S. (dirs), *Une introduction aux sciences de la culture*, Paris, PUF, 1-10.

sobretudo de uma cultura outra, a cultura a (re)fazer-se no diálogo e no confronto efetivos de culturas diferenciadas, a cultura que poderá vir a decorrer de uma igualdade que é, ainda hoje, inédita e subversiva.

Não será por isso excessivo insistir na forma como Maria de Lourdes Pintasilgo faz depender o papel das mulheres na sociedade e na política de uma estreitíssima relação entre identidade e cultura partilhada:

“L’identité permet aussi que les femmes sortent de l’enclos de l’invisibilité et deviennent *protagonistes sociales et culturelles* de la vie en société. (...)

Un tel protagonisme n’est envisageable que si l’on retient les grandes valeurs qui émergent comme *culture des femmes*”²⁰.

Retenhamos alguns desses valores – ‘traços emergentes da cultura das mulheres’, como os viu Maria de Lourdes Pintasilgo. Retenhamo-los aqui, entre o exercício (saboroso) de citar (a pesar a formulação, tão exata quanto livre e provocadora) e o gesto (simbólico) de dar visibilidade, de estabelecer pertença, de manter a cultura em movimento:

“(...) ”

- les femmes vivent et respirent le réel; dans la vie de tous les jours les femmes font face aux multiples visages de la vie;
- les femmes vivent la complexité dans la mesure où elles vivent sur plusieurs registres et où elles accompagnent *la circularité du réel*;
- les femmes vivent dans les *interconnexions*, dans les *nœuds* des réseaux et des systèmes, dans le point exact où s’articulent des choses et des êtres bien différenciés;
- les femmes cherchent une pensée globalisante sans pour autant s’asservir aux idéologies; leur pensée est *non-dichotomique*, elle articule idéalisme et réalisme, elle cherche l’étincelle d’idéal au cœur même du réalisme;
- les femmes vivent des écarts, acceptent les déviances et les risques, au-delà des normes en tant qu’espace, où peut éclore l’inédit et l’inattendu...”²¹.

Cultura política e cultura das mulheres

O desgaste inequívoco de uma política sem saídas e sem soluções, que convive e deixa agravar os desequilíbrios em todas as vertentes

²⁰ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, “Egalité – Identité”, Arquivo da FCF, 0226.015, 1992 (destaques meus).

²¹ *Idem*.

(social, económica, ambiental, cultural) foi insistentemente denunciado por Maria de Lourdes Pintasilgo – nomeadamente em textos do início da década de 90 que evidenciam, ao mesmo tempo, o facto de a intervenção das mulheres poder contribuir decisivamente para ultrapassar o impasse. Vinte anos depois, a conjuntura social e política, a nível europeu e mundial, vive um paroxismo verdadeiramente assustador – que não desenvolveremos aqui, mas que permite sublinhar, uma vez mais, a falência dos modelos. Para Maria de Lourdes Pintasilgo, há muito que o impasse da cultura política (uma cultura moldada por homens) aparecia como “uma brecha” para as mulheres²².

De forma não exaustiva relativamente ao que os textos de Maria de Lourdes Pintasilgo apontam, sublinharemos aqui (cf. Quadro 2) alguns dos traços que, a seu ver, distinguem a cultura que conhecemos de uma ‘nova cultura política’, a tomar forma através da intervenção (da cultura) das mulheres.

Da cultura que conhecemos para uma nova cultura política: contributos da cultura das mulheres ²³	
<i>Do vazio da representatividade...</i> (partidos sem projeto, políticos como classe profissional, interesses particulares em jogo debaixo da referência a um “interesse nacional” abstrato)	<i>...às novas mediações</i> – Perceção direta, a partir da experiência de múltiplas tarefas que é a das mulheres, dos atores sociais envolvidos em cada caso – de que pode decorrer um sentido alargado de parceiros sociais. – Experiência das mulheres no que diz respeito à responsabilidade social da organização da vida – pode evidenciar a exigência de todos terem de prestar contas sobre as tarefas políticas.
<i>Da opinião pública fluida...</i> (que se alimenta de comentários sobre acontecimentos hipotéticos, que usa as sondagens como opinião pública...)	<i>... à palavra ao rés-da-vida</i> – Lugar para a palavra / a opinião que emerge do vivido

²² Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, “Introduction: La crise du politique une brèche pour les femmes”, Arquivo da FCF, 0260.027, 1990.

²³ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, “Introduction: La crise du politique une brèche pour les femmes”, Arquivo da FCF, 0260.027, 1990; “Culture politique et culture des femmes”, Arquivo da FCF, 0258.017, 1991.

<i>Da vontade do rei...</i> (concentração do poder no cume da hierarquia, restrito à vontade/decisão de uma única origem)	<i>... ao poder como realidade difusa</i> – Reconhecimento, a partir da experiência vivida, de múltiplos lugares de poder. – Trabalho coletivo como ocasião para (re)valorizar o trabalho de equipa e para democratizar as estruturas da tomada de decisão. – Possibilidade de transparência no discurso político, através de uma linguagem diferente da que decorre da lógica do segredo do estado lhe retirou.
--	---

Quadro 2

É com profunda convicção que Maria de Lourdes Pintasilgo antecipa as possibilidades de mudança que podem decorrer da intervenção das mulheres na vida política. E é com igual convicção que, de forma radical, assume essa mesma possibilidade de mudança como condição e sentido último para a presença das mulheres na política:

“C’est pourquoi le changement demeure le critère et l’horizon d’une participation réussie à la vie politique. A la limite, il n’y a que cela qui compte: *les femmes dans la politique, oui; mais pour que la politique réponde davantage aux vrais problèmes des personnes et des peuples*”²⁴.

Convenhamos que uma tal exigência pode parecer excessiva e terrivelmente paralisante: quantas mulheres acreditam suficientemente nas suas próprias capacidades para se pensarem capazes de transformar por dentro, de forma radical, hábitos, práticas e modos de funcionamento? Se efetivamente a intervenção das mulheres faz sentido enquanto intervenção de mulheres, na diferença da identidade, importa também saber (reconhecer) que essa diferença não resulta de casos pontuais e esporádicos – por inspiradores e significativos que possam ser. A diferença que conta advém de um salto qualitativo:

“Dans ce contexte, le droit à l’accès n’est qu’une étape nécessaire pour faire advenir les femmes à leur pleine citoyenneté. Mais pour qu’il y ait une véritable signification politique, *il faut atteindre une*

²⁴ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, “Emergence du féminin et démocratisation du politique”, Arquivo da FCF, 0210.021, s/d (destaque meu).

masse critique de femmes convaincues de leur être femmes et capables ainsi d'apporter la différence"²⁵.

Cultura das mulheres, espiritualidade e ética do cuidado

Não seria compreensível falar de Maria de Lourdes Pintasilgo calando a dimensão cristã que permanentemente atravessou o seu pensamento e o seu agir. Neste trajeto, percorrido em função das mulheres, limitar-me-ei a sublinhar como a pertença é, uma vez mais, o critério aglutinador e estruturador:

"Porque desde o Vaticano II se tornou bem claro o que a mensagem cristã nos ensina: ninguém se salva sozinho, é como Povo que recebemos a salvação de Deus. As mulheres são uma parte desse povo, "etnia" particular sem território mas portadora de valores e de cultura decisivos na história desse Povo e no seu caminho para a salvação de Deus"²⁶.

Maria de Lourdes Pintasilgo não parece interessada em falar do que fazem ou deveriam fazer as mulheres na igreja; parece preocupada, sim, em reconhecer essa "etnia" particular que são as mulheres a caminho da salvação. Para que salvação caminhará essa "etnia", se não for uma salvação construída com os valores e a cultura de que é portadora?

É ainda nesse percurso que poderemos situar a *ética do cuidado* para que reiteradamente apelam os últimos textos (ou intervenções) de Maria de Lourdes Pintasilgo. Trata-se, também aqui, de um salto qualitativo, que recentra preocupações, atitudes e expectativas:

"Enquanto a ética da justiça constrói todo o edifício político sobre o ser humano como sede de direitos, a ética do cuidado toma em linha de conta a posição eminentemente realista de que o ser humano é também um ser de vulnerabilidades que, em numerosas situações, o impedem de se erguer para defender os seus direitos"²⁷.

Na continuidade do que vimos sublinhando, importa sobretudo evidenciar como Maria de Lourdes Pintasilgo conceptualiza a noção de *cuidado* a partir da experiência prática das mulheres. Por outras palavras: constituin-

²⁵ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, "Culture politique et culture des femmes", Arquivo da FCF, 0258.017, 1991 (destaque meu).

²⁶ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, "Elementos para uma espiritualidade das mulheres: as mulheres no plural", Arquivo da FCF, 0262.003, s/d.

²⁷ Maria de Lourdes Pintasilgo, "Cuidar o futuro", Arquivo da FCF, 0209.034, 2000.

do a ética do cuidado um desafio para a sociedade e para a democracia, ela aparece como expressão visível e partilhada (partilhável, desejavelmente partilhada) de um traço característico da cultura das mulheres:

“É de um novo conceito político que o mundo precisa, um conceito que não veja permanentemente a política em termos de relação de forças mas sim de uma saudável interdependência entre todos os seres humanos, da escala local à escala mundial.

Elevar a prática da cultura milenária das mulheres à categoria de um elementar senso comum, dando-lhe desde logo *visibilidade*, e, ao mesmo tempo, *elaborar essa prática enquanto conceito político a ser praticado* por homens e mulheres é uma tarefa inadiável. Esse conceito é o do CUIDADO”²⁸.

A tomada da palavra

A tomada da palavra é ainda uma questão central, na forma como Maria de Lourdes Pintasilgo equaciona a (reconstrução da) identidade das mulheres, individualmente e como grupo, e as potencialidades de mudança (social, política e religiosa) que decorrem dessa mesma identidade.

“L'accès au pouvoir politique se fait souvent aux dépens du refoulement par les femmes des attitudes et modes d'être qui sont les leurs. D'où l'invisibilité de ce qui aurait pu être différent, le silence à l'égard d'une parole autre qui n'arrive pas à se dire. C'est un immense gaspillage d'un potentiel inédit d'innovation dans la vie politique.”²⁹

Se na passagem que acabamos de ler “a palavra outra que não chega a dizer-se” pode ser lida como metáfora de uma inovação abortada (o gesto outro que não chega a fazer-se, a diferença que não chega a realizar-se), em muitos outros casos é inequívoco o papel atribuído à tomada da palavra enquanto tal. Condição de identidade da pessoa, a tomada da palavra é também condição de identidade da cultura (do grupo) e, em última análise, condição de inscrição da diferença – na medida em que não for repetitiva e mimética mas sim uma palavra “inédita e subversiva”³⁰. Maria de Lourdes Pintasilgo é inequívoca no que diz respeito à radicalidade desta questão:

²⁸ *Idem*.

²⁹ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, “Culture politique et culture des femmes”, Arquivo da FCF, 0258.017, 1991.

³⁰ Cf. Maria de Lourdes Pintasilgo, *Os novos feminismos*, Lisboa, Moraes Editores, 1981, pp. 41-43.

“No momento em que a palavra individual tem repercussão fora do grupo em que é pronunciada, atinge um potencial que se pode considerar revolucionário. Está-se ao nível da ruptura, da mudança radical. Um novo salto qualitativo tem lugar. Por isso, a acção militante é, em primeiro lugar, a tomada da palavra”³¹.

Mas a radicalidade não implica ingenuidade ou idealismo simplista, por parte de Maria de Lourdes Pintasilgo. Sabendo que tantas vezes o que dizem as mulheres não é a palavra da diferença qualitativa e reconhecendo a dificuldade de “falar de outra maneira, dizer outra coisa”, acaba por evidenciar o papel decisivo que também aqui cabe ao fator quantitativo. Assim, é do facto de haver cada vez mais mulheres capazes de tomarem a palavra que pode decorrer, afinal, a mudança:

“Através da escolaridade sem discriminação entre os sexos, do acesso das mulheres a profissões ou cargos directivos que tradicionalmente eram reservados aos homens, da sua integração nas instituições ou aparelhos de qualquer tipo, *um número cada vez maior de mulheres está em condições de “tomar a palavra”. Também nesta situação, logo que há crescimento quantitativo e se ultrapassa um certo limiar, há mudança qualitativa*”³².

Esclarecidas todas as condicionantes, poder-se-á sintetizar esta questão dizendo que, também aqui, o caminho se faz a andar. Isto é, a diferença acontece (só pode acontecer) na tomada e no uso da palavra:

“Apesar da forma ingénua e talvez cheia de mimetismo com que, num primeiro tempo, manuseiam a palavra, algumas mulheres que, pela via do reformismo, acedem a pouco e pouco a novos patamares de responsabilidade, serão um dia capazes de sustentar um outro tipo de discurso. Não necessariamente um discurso radicalmente diferente, mas um discurso a partir de um outro lugar vivencial, inscrevendo-se num outro registo, fazendo apelo a zonas submersas da humanidade ainda não-dita...”³³.

A forma como Maria de Lourdes Pintasilgo equaciona esta questão enquadra-se inequivocamente (embora não em termos explícitos) na epistemologia interacionista social que sustenta grande parte das abordagens científicas, na área da análise dos discursos. Ao contrário da concepção biologizante (generativista) que assume o desenvolvimento da faculdade da linguagem (como um órgão), a epistemologia interacionista, sob o impulso

³¹ *Idem*, p. 43.

³² *Ibidem*, p. 40 (destaque meu).

³³ *Ibidem*, p. 40.

de autores decisivos como Vygotski e Voloshinov, perspectiva a linguagem em termos fundamentalmente sociais (tendo em conta, naturalmente, o processo de hominização que dotou a espécie dos recursos técnicos adequados). Assim, se é a interiorização / a apropriação da língua (como fenómeno social) que viabiliza, na criança, o pensamento e a consciência, é também a interação social que determina, na pessoa adulta, a produção discursiva:

“En réalité, l’acte de parole, ou, plus exactement, son produit, l’énonciation, ne peut nullement être considéré comme individuel au sens étroit de ce terme; il ne peut être expliqué par référence aux conditions psychophysiologiques du sujet parlant. *L’énonciation est de nature sociale*”³⁴.

Que a tomada de palavra por parte das mulheres possa ser vista como condição para que novos discursos tomem forma não é um absurdo feminista nem um disparate linguístico (discursivo). Falar e escrever é um gesto social – que se serve dos múltiplos e plásticos recursos da língua em uso (seja ela qual for). Assim, é condição de toda a gente, em todas as circunstâncias, decidir o que diz, como diz – com quem se identifica, no que diz e pela forma como o diz (ainda que nem sempre se tenha consciência disso). Poderemos dizer que se trata de escolhas estilísticas – na condição de preservar a questão do estilo como própria de toda a produção discursiva (ainda que disso nem sempre nos tenham facultado uma consciência clara). Seja como for, é disso que se trata quando se fala do discurso comunista, do discurso da enfermagem ou do discurso dos jovens, por exemplo: regularidades, traços comuns, escolhas (implicitamente) partilhadas. É isso que vemos acontecer, mais ou menos esporadicamente, quando alguém (por coincidência, uma mulher?...) estabelece conexões inesperadas e/ou toma decisões imprevisíveis, ao nível do uso da linguagem:

“Assumo também, ao usar a primeira pessoa, que o trabalho aqui apresentado faz parte integrante da minha “autobiografia” e está marcado por dois gostos muito pessoais e vividos: o gosto de *saber* e o gosto de *dizer* ou, por outras palavras, o desejo de compreender o funcionamento da linguagem sem deixar de a sentir como objecto de fruição”³⁵.

É disso – de um exercício da linguagem consciente e reflexivo – que fala também, creio eu, Maria de Lourdes Pintasilgo. Com a exigência e a radicalidade que a caracterizam, perspectiva-nos – a todas nós, mulheres –

³⁴ Cf. Valentin Nikolaevich Voloshinov, *Le marxisme et la philosophie du langage*, Paris, Minuit, [1929]1977, p. 119.

³⁵ Cf. Fernanda Irene Fonseca, *Deixis, tempo e narração*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 16. note-se que o excerto citado se integra na apresentação da versão publicada da tese de doutoramento da autora.

para um patamar inesperado de ousadia e de criatividade. Que seja, então, exercício de estilo – “a sinuosa metáfora do que vai sendo: do ronco à música, do gemido à palavra, do traço tosco à escritura do pacto de maestria comum”³⁶.

Para concluir: *agir a palavra*

O percurso destas páginas fica certamente muito aquém do que ambiciosamente se propôs: dar conta da forma como as mulheres são vistas e pensadas por Maria de Lourdes Pintasilgo. Ousarei dizer que isso pouco importa?... Os textos aí estão, para serem lidos e relidos. E um percurso interpretativo é isso mesmo, apenas. Falta *agir a palavra* (expressão de Maria de Lourdes Pintasilgo que não sei localizar). Ouçamo-la ainda, a perspetivar, ela própria, interpretações, vias, soluções³⁷:

“Nessa leitura do mundo, não há que ser cobardemente indulgente mas lucidamente compassiva.

Nem reduzir a complexidade do real a uma justaposição linear de problemas, arrumados em sectores,
em departamentos,
que o mesmo é dizer em desconexões.

As mulheres sabem por experiência que tudo tem a ver com tudo.
Procuram assim correlações, pois só desse modo,
como o tem demonstrado a Física e as outras ciências da natureza,
é possível o acto de compreender.

E, tendo compreendido, procurarão soluções
não-parcelares,
integradas,
onde a vida, por isso, pulse”.

Maria Antónia Coutinho é doutorada em Linguística (área de especialidade em Teoria do texto) pela Universidade Nova de Lisboa, é docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Departamento de Linguística) e investigadora do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL). É membro do Graal (movimento internacional de mulheres cristãs). E-mail: acoutinho@fcsh.unl.pt .

³⁶ Maria Velho da Costa, “Exortação à entrada do poeta em Abril”, *Cravo*, Lisboa, Moraes Editores, 1975, p. 39

³⁷ Maria de Lourdes Pintasilgo, “Cuidar o futuro”, Arquivo da FCF, 0209.034, 2000.